



**MINISTÉRIO DA EDUCAÇÃO
UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HELVÍDIO NUNES DE BARROS - CSHNB
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO,
CIÊNCIAS DA NATUREZA**



FRANCISCA MARIA DOS ANJOS

**MULHERES CAMPONESAS: HISTÓRIA DE VIDA E DE EDUCAÇÃO NO CAMPO,
NA COMUNIDADE VARZINHA, ITAINÓPOLIS-PI**

**PICOS – PI
2018**

Francisca Maria dos Anjos

**MULHERES CAMPONESAS: HISTÓRIA DE VIDA E DE EDUCAÇÃO NO CAMPO,
NA COMUNIDADE VARZINHA, ITAINÓPOLIS-PI**

Projeto de Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo.

Orientadora:

Prof.^a Dr.^a Patrícia Sara Lopes Melo

PICOS – PI

2018

FICHA CATALOGRÁFICA

Serviço de Processamento Técnico da Universidade Federal do Piauí

Biblioteca José Albano de Macêdo

A599m Anjos, Francisca Maria dos

Mulheres camponesas: história de vida e de educação no campo, na comunidade varzinha, Itainópolis-PI / Francisca Maria dos Anjos.– 2018.

CD-ROM : il.; 4 ¾ pol. (29 f.)

Trabalho de Conclusão de Curso (Curso de Licenciatura Plena em Educação do Campo Ciências da Natureza) – Universidade Federal do Piauí, Picos, 2018.

Orientador(A): Prof.^a Dr.^a Patrícia Sara Lopes Melo

1. História de Vida. 2. Educação das Mulheres Camponesas. 3. Educação no Campo I. Título.

CDD 371.822

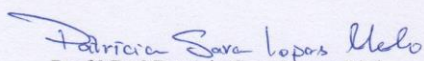
Francisca Maria dos Anjos

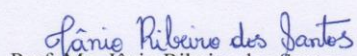
**MULHERES CAMPONESAS: HISTÓRIA DE VIDA E DE EDUCAÇÃO NO CAMPO,
NA COMUNIDADE VARZINHA, ITAINÓPOLIS-PI**

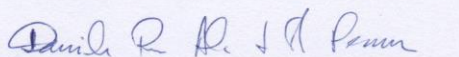
Projeto de Monografia apresentado ao curso de Licenciatura em Educação do Campo/Ciências da Natureza, da Universidade Federal do Piauí, *campus* Senador Helvídio Nunes de Barros, como requisito parcial para obtenção do grau de Licenciada em Educação do Campo.

Picos (PI), 13 de NOVEMBRO de 2018

Banca Examinadora


Prof.^a Dr.^a Patrícia Sara Lopes Melo
Orientadora – UFPI


Prof. Me. Jânio Ribeiro dos Santos
Examinador – UFPI


Prof. Esp. Daniela Rosa Alves da Silva Pereira
Examinador – UFPI

AGRADECIMENTO

A Deus, pois nada disso estaria acontecendo se não fosse por Ti.

À minha família, em especial meus pais, por compartilhar momentos de solidão, preocupações e ansiedades, mas sempre me encorajando.

Aos mestres do curso de Licenciatura em Educação do Campo, em que dedico o resultado de um esforço comum a vocês que repartiram conosco os seus conhecimentos, transformando os nossos ideais em realizações. E, agradeço em especial a minha orientadora, Professora Dr.^a Patrícia Sara Lopes Melo, pela dedicação e paciência.

As interlocutoras da pesquisa, que com disponibilidade e carinho contribuíram com esse trabalho, confiando em contar suas histórias de vida.

Aos companheiros de lutas e organizações sociais, que depositaram confiança na minha pessoa e ao mesmo tempo estimularam a não desistir deste projeto de ensino.

Aos colegas de turma, em especial, Maria Aparecida que em muitos momentos de ansiedade e preocupação, partilharam comigo e colaboram para que assim as atividades escolares fossem realizadas.

À minha sobrinha, Cristina Anjos, que muito contribuiu nesse trabalho na parte de digitação e organização.

A todos meus sinceros agradecimentos.

“Grandes coisas fez o Senhor por nós e por isso estamos alegres.”

(SL: 126-3)

RESUMO

Este trabalho apresenta como tema história de vida de mulheres camponesas sobre a educação no campo, o mesmo traz como questão problema: como se dava o processo de educação das mulheres do campo da comunidade varzinha, município de Itainópolis? Que tem como objetivo analisar a história de vida e o processo de educação das mulheres do campo da comunidade Varzinha, município de Itainópolis – Piauí. Objetivos específicos: - Analisar a história de vida e o processo de educação das mulheres do campo da comunidade varzinha; - Traçar o perfil das mulheres do campo da comunidade varzinha; e Identificar os fatores inibidores do processo de escolarização das camponesas. Esta pesquisa teve como referencial teórico: Almeida (1998); Louro (1997); Romanelli (2000) e outros. Como referencial para estruturação metodológica: Meihy e Holanda (2014); Meihy e Ribeiro (2011) A investigação foi desenvolvida por meio da História Oral, com o desenvolvimento de entrevista como instrumento de produção de dados, que contou com a participação de cinco mulheres da referida Comunidade. Após as entrevista, as histórias foram transcritas e analisadas. A partir das análises foi constatado que o acesso a escola era algo raro, não era para todos, mas sim para os que tinham uma melhor condição financeira, as mulheres tinham ainda menor participação nas escolas, havia uma longa distância entre a moradia e residência onde funcionava a escola, o tempo escolar variava entre dois meses a um ano, o método de escolarização era rígido e prevalecia o castigo, a obediência entre o aluno e o professor, escrever uma carta, respeito, tenacidade em integrar-se em todas as aulas e desenvoltura das tarefas de casa mesmo porque tinha “prenda” ou punição para quem não adquirisse memorizar a lição, obediência aos mestres foi citada como importante. O resultado alcançado confirma que a baixa escolaridade, sendo que apenas uma das cinco mulheres entrevistadas conseguiu concluir o ensino fundamental, a ausência de espaço escolar na própria comunidade também foi um fator que contribuiu de forma negativa para esse desempenho escolar, todos falaram da casa grande da comunidade que servia como ponto de apoio escolar, a escola era particular apenas as pessoas de melhor condição financeira tinham acesso, todas relataram que os homens tinham mais oportunidade de estudar, a pessoa do professor era visto como uma autoridade onde todos respeitavam como instrumentos de repreensão também falaram em castigos e na palmatória, como método utilizado pelo professor, uma vez que os conteúdos eram decorados, a falta de condições financeiras dos pais foi citada por todas como uma das principais causas que impediam de aprender, todas relataram que precisavam trabalhar juntos com os pais para ajudar no sustento familiar.

Palavras-chave: História de Vida. Educação das Mulheres Camponesas. Educação no Campo

ABSTRACT

This paper presents as an oral history topic of rural women about education in the countryside, whose objective is to analyze the life history and the process of education of women from the Varzinha community field, Itainópolis - Piauí municipality. The research was developed through Oral History, with the development of an interview as a data production instrument, with the participation of five women from the Community. After the interviews, the stories were transcribed and analyzed. This research had as theoretical reference: Almeida (1998); Louro (1997); Romanelli (2000) and others. As a reference for methodological structuring: Meihy and Holanda (2014); Meihy and Ribeiro (2011). From the analyzes, it was found that access to school was rare, not for everyone, but for those who had a better financial condition, women had even less participation in schools, there was a long distance between the house and residence where schooling, schooling ranged from two months to one year, schooling was rigid and punishment, obedience between the student and the teacher prevailed, writing a letter or letter, respect, tenacity to integrate into all the lessons and the ease of homework even though he had a "gift" or punishment for anyone who did not memorize the lesson, obedience to the masters was cited as important. The result achieved confirms that low schooling, with only one of the five women interviewed being able to complete elementary school, the absence of school space in the community itself was also a factor that contributed negatively to this school performance, all spoke of the big house of the community that served as a school support bridge, the school was private only the people with the best financial condition had access, all reported that men had more opportunity to study, the person of the teacher was seen as an authority where everyone respected as an instrument of reprimand all spoke in the punishment and in the handwriting, as a method used by the teacher, since the contents were decorated, the lack of financial conditions of the parents was cited by all as one of the main causes that prevented learning, all reported that they needed to work together with parents to help with family support.

Keywords: Oral History.----- PeasantWomen. Education in the Field

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	07
2	HISTÓRIA DE VIDA E PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS MULHERES CAMPO.....	10
2.1	Educação das camponesas de Varzinha.....	10
2.2	Da contextualização da educação feminina no Brasil a Educação do Campo.....	10
3	PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA.....	14
3.1	Caracterização da Pesquisa.....	14
3.2	Campo de Pesquisa.....	17
3.3	Interlocutores da Pesquisa.....	17
4	HISTÓRIA ORAL DE VIDA: RELATO DAS CAMPONESAS.....	20
4.1	Histórias de Vida e o Processo de Educação da Mulher Camponesa.....	20
4.2	Limites na escolarização das Camponesas e sua participação no contexto escolar.	22
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	25
6	REFERÊNCIAS.....	27
	APÊNDICE A – ROTEIRO DE ENTREVISTA.....	29

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo traz como tema a história de vida de mulheres camponesas sobre a educação no campo, apresenta como problema: como se dava o processo de educação das mulheres do campo da comunidade Varzinha, município de Itainópolis – PI, que tem por objetivo central investigar a história a sua de vida e educação da comunidade Varzinha, município de Itainópolis, estado do Piauí. Como objetivos específicos: Analisar a história de vida e o processo de educação das mulheres do campo da comunidade Varzinha; Traçar o perfil das mulheres do campo da comunidade Varzinha e Identificar os fatores inibidores do processo de escolarização das camponesas.

A escolha do tema se deu, inicialmente, pelo interesse de aprofundar os estudos sobre o processo educativo que vivenciei¹ nos movimentos sociais e organizações não governamentais, como por exemplo: Comissão Pastoral da Terra e entre o período de 1989 a 1999, quando atuei como diretora da Associação dos Trabalhadores Rurais (ATR).

Minhas experiências como aluna do campo, militante dos movimentos sociais de trabalhadores e trabalhadoras rurais, a participação em acampamentos e assentamentos, marcaram minha história de vida pessoal e formativa, além de me fazer refletir sobre outras dimensões relacionadas à educação, para além do espaço escolar. Além disso, frente à direção de algumas entidades sociais do campo, como diretora eleita, ou pelo desenvolvimento de trabalho voluntário, foi possível identificarem grande número de mulheres na faixa etária entre 30 a 65 anos que buscavam nessas organizações orientações sobre os seus direitos sociais, fossem esses ligados a terra, a previdência social e outros. Diante desses anseios observei várias mulheres que, embora o pouco grau de instrução se intitulasse como analfabetas e outras mal sabiam escrever o próprio nome. Muitos direitos eram negados pelo poder público, devido à falta de investimentos, políticas públicas e pela ausência de documentos que comprovassem o grau de escolaridade.

Diante dessa realidade vivenciada percebi a pequena participação, ou até mesmo a ausência, das mulheres nos movimentos sociais e considerei necessário fazer no município um trabalho de conscientização das mulheres para estimular a sua participação nos movimentos e ao mesmo tempo identificar o processo de educação das mesmas. Aproximadamente quinze mulheres participavam da ATR, mas apenas oito tinham frequentado a escola primária, hoje

¹Para esclarecimento, vale destacar que o nosso relato de experiência de vida pessoal e profissional descrito nesta introdução está escrito na 1ª pessoa do singular, com o intuito de identificar a pesquisadora principal deste trabalho, nas demais seções do texto estão escritas na 1ª pessoa do plural.

fundamental I, nas suas comunidades rurais, as demais tinham cursado o ensino fundamental incompleto. No entanto, com o passar dos anos, voltei à frente do Sindicato dos Trabalhadores Rurais do município de Itainópolis e percebi uma maior participação das mulheres, embora ainda houvesse poucas mulheres escolarizadas. Segundo Louro (1997, p. 14) “ações isoladas ou coletivas, dirigidas contra a opressão das mulheres, podem ser observadas em muitos e diversos momentos da História e, mais recentemente, algumas publicações, filmes, etc”. Observa-se que a mulher camponesa em sua história de vida, vivencia a negação de vários direitos, dentre eles a educação.

A escolha da Comunidade Varzinha se deu pela minha vivencia na mesma, essa comunidade é tipicamente rural, formada de pessoas simples, trabalhadores e preservavam valores essenciais do ser humano, foi lá onde cresci e pude assim observar as mulheres camponesas a quem faço referencia neste trabalho. Suas histórias de vida, sobretudo associando a educação dos filhos, a vida doméstica e o trabalho no campo. Restando pouco espaço de tempo para a sua formação escolar. É com o intuito de entender de forma mais ampla que escolhi esse tema.

Meu processo de (auto) formação, minhas reflexões acerca dos processos educativos das mulheres do campo foram se ampliando tanto na vida escolar como em minha atuação enquanto militante. Porém, ainda não tinha me despertado para investigar tal situação enfrentada pelas mulheres. Penso que o curso de Licenciatura em Educação do Campo, em que atualmente sou aluna possibilitou compreender e descrever melhor as diferentes situações de exclusão vivida pelas mulheres do campo.

Rememorar as experiências de vida trata-se de uma oportunidade de refletir sobre a história de vida e as trajetórias formativas. No entanto, o processo de reflexão não é uma tarefa simples, pois consiste no exercício de vasculhar na memória episódios de vida que podem ser desagradáveis ou não. Pensar no tempo é refletir lembranças, angustias, sofrimentos e acontecimentos que ficam guardados na memória e que só serão buscados em alguns momentos das nossas vidas.

O desenvolvimento deste trabalho nós levará a refletir a partir das histórias de vida sobre o processo histórico de negação da educação do campo, especialmente a questão da mulher. O estudo com mulheres do campo é amplamente pertinente, pois elas possuem vivências e histórias que tanto encorajam as mulheres, como serve de exemplo de superação. Nessa perspectiva, temos como questão problema, saber através da história oral de vida como se dava o processo de educação das mulheres do campo da comunidade Varzinha, município de Itainópolis – PI.

No propósito de responder a essa questão, definimos como objetivo geral desta pesquisa: Investigar a história de vida o processo de educação das mulheres do campo da Comunidade Varzinha, município de Itainópolis, via história oral de vida. Para alcance desse objetivo, propomos como objetivos específicos: analisar a história de vida e o processo de educação das mulheres do campo da Comunidade Varzinha; traçar o perfil das mulheres do campo da Comunidade Varzinha; identificar os fatores inibidores do processo de escolarização das camponesas

Nesse processo, vários espaços educativos foram importantes: a participação em encontros, cursos, marchas, assembléias, mobilizações, confrontos, visitas a assentamentos e acampamentos; o estudo individual e coletivo desses espaços informais, mas de enorme aprendizado. A participação nesses espaços permitiu-me identificar várias situações e diferenças existentes de classes, de gênero, de etnia. Fosse também aos relatos em momentos de estudo sendo esses às vezes até presencial, foi também com a minha primeira participação no espaço educacional como coordenadora de grupo de alfabetização de jovens e adultos onde presenciava dificuldades, receios, ansiedade, falta de estímulos e medo de superar essas e outra situação vivida por mulheres de diferente faixa etária.

Partindo dessas vivências e aprendizado, fui encorajada a incentivá-la para uma participação, mas efetiva, sobretudo as que por diversas vezes partilharam o desejo de estudar, de apropriar-se de um novo saber e se inserir nos espaços, pois diante das diferentes situações: machismo, submissão, desigualdade condições financeiras as mulheres eram desprovidas desse direito da educação escolar na sua maioria.

Portanto, nosso estudo se configura como uma oportunidade de fazer o registro das memórias das mulheres do campo e refletir sobre a educação das mesmas no contexto camponês, reconhecendo as dificuldades no processo de educação e de resistência.

A organização desta pesquisa se configura pela estruturação em seções. A primeira seção trata-se desta introdução, em que se encontra o tema, o problema de pesquisa, os objetivos e a justificativa. Na segunda seção está centrada na discussão teórica, caracterização da história da educação feminina no Brasil e Educação das Mulheres Camponesas. Na terceira seção vem abordando os pressupostos metodológicos da pesquisa e sua caracterização. A quarta seção trata-se da análise dos dados, trazendo as discussões e resultado das entrevistas com as mulheres camponesas.

2. HISTORIA DE VIDA E O PROCESSO DE EDUCAÇÃO DAS MULHERES DO CAMPO

2.1 Educação das Camponesas de Varzinha

Discutir a Educação das mulheres do campo significa reconhecer as diversidades educacionais e a negação dos direitos aos povos do campo, principalmente, aos direitos das mulheres. Esta seção apresenta algumas reflexões sobre o histórico da educação das mulheres no Brasil, bem como o seu processo de escolarização. Essas discussões incluem os seguintes aspectos temáticos:

2.2 Da Contextualização da História da Educação Feminina no Brasil à Educação das Mulheres no Campo

A lei de 15 de outubro de 1827, denominada Lei Geral, aprovada após a Independência do Brasil, contempla a escolarização da mulher, mas de forma restrita, pois a sua educação era diferente da masculina, ou seja, a referida lei permitia à mulher frequentar as escolas elementares, mas suas disciplinas eram diferentes dos homens e elas não tinham a oportunidade de dar continuidade ao ensino subsequente. E, mais adiante, no ano de 1879 as mulheres têm autorização do governo, por meio do Decreto nº 7.247, de 19 de abril de 1879, para estudar em instituições de ensino superior, mas as que seguiam esse caminho eram criticadas pela sociedade.

Atualmente as salas de aula são mistas, meninos e meninas estudam na mesma classe e têm os mesmos direitos. Mas, nem sempre foi assim, de acordo com a Lei de 15 de outubro de 1827 no seu artigo 1º, as Escolas de Primeiras Letras, atualmente ensino fundamental, deveriam ensinar para os meninos a ler, escrever, calcular e saber geometria. A educação feminina, apesar da pretendida igualdade, diferenciava-se nos seus objetivos, pois, segundo os positivistas, o trabalho intelectual não devia fatigá-las, nem se constituir um risco a uma constituição que se afirmava frágil e nervosa, o que poderia certamente, debilitar seus descendentes.

Na realidade, o fim último da educação era preparar a mulher para atuar no espaço doméstico e incumbir-se do cuidado com o marido e os filhos, não se cogitando que pudesse desempenhar uma profissão assalariada. (ALMEIDA. 1998 p.19)

Percebe-se assim que a participação da mulher era restrito ao ambiente familiar desenvolvendo atividade do cuidado, assumindo um papel de submissão frente à sociedade patriarcal.

A luta e resistência das mulheres pela garantia de seus direitos sejam no campo ou na cidade, sempre foram marcantes. Nessa trajetória algumas conquistas merecem destaque, dentre elas podemos citar o direito ao voto, que teve sua aprovação no dia 24 de fevereiro de 1932 a partir do Decreto nº 21.076, sendo que apenas as mulheres casadas, com autorização do marido podiam utilizar esse direito. Já em 1935 sobre a Lei de nº 48, onde ocorreu à reformulação do Código Eleitoral de 1932, que amplia o direito do voto das mulheres que exerciam função pública remunerada. De acordo com a legislação que assegurou o direito a participação da mulher no voto, fica explicitada a negação do direito ao voto da mulher camponesa, uma vez que na grande maioria eram analfabetas e tão poucas exerciam função pública.

Apesar da conquista do voto a participação política feminina no Brasil continuou restrita a um pequeno grupo de mulheres educadas pertencentes a uma classe social superior. Sua educação continuou centrada em desenvolver aptidões domésticas e a profissionalização permaneceu relegada o plano secundário perante a importância do matrimônio e da criação dos filhos. (ALMEIDA, 1998, p.39).

Entretanto, é presente na educação brasileira a tentativa de substituição e negação dos saberes e as crenças experienciadas pelos povos nativos, mediante a imposição cultural expressa pelos governantes. Essa tentativa é possível ser percebida desde o período de colonização do país, em que os jesuítas eram responsáveis pela educação, catequização e instrução dos nativos e colonizadores, embora os objetivos do ensino fossem diferenciados para cada grupo social. Não podemos deixar de reconhecer que os portugueses trouxeram um padrão de educação próprio da Europa a ser imposta na educação brasileira e que perduram até os dias atuais as influências ocidentais. Assim, “no que tange a esse padrão de cultura transplantada, considera que essa cultura é ferramenta para impor e preservar os modelos culturais importados, que por si, inibem a possibilidade de criação e inovação culturais” (ROMANELLI, 2000, p. 23).

Apesar das conquistas das mulheres ao direito a escolarização, garantidas pela Constituição do país, que estabelece que a educação seja um direito de todos, previsto no Art. 205 da Constituição Federal (1988). Ainda são inúmeros desafios para efetivação desse direito, principalmente para as mulheres do campo, pois segundo Siliprandi:

[...] Há mais mulheres rurais que nunca foram à escola do que as urbanas (11% ante 6%), assim como há mais mulheres rurais analfabetas (62% ante 58%). As mulheres rurais estudavam, em média, menos que as urbanas, e a saída da escola se deram em razão das distâncias e da necessidade de trabalhar cedo. (SILIPRANDI, 2004, p. 129).

A luta pelo direito da mulher à escolarização não se restringe apenas ao seu acesso a escola, mas as garantias de permanência e aquisição de conhecimentos. O conhecimento como sendo um instrumento importante do saber, pode ser desenvolvido em diferentes aspectos, aquele cujo desenvolvemos no dia-a-dia denominado conhecimento popular, não necessita de grade curricular, nem livro ou mecanismo transmissor, pois esses já adquiriram desde que nascemos e vai se ampliando a partir da nossa convivência com pessoas ou grupos sociais que participamos. Enquanto o conhecimento científico é aquele que desenvolvemos a partir do espaço escolar e é baseado em métodos técnicos de estudo e pesquisa que necessita de comprovações científicas mediante as descobertas. É importante destacar que os dois tipos de conhecimento contribuem no dia-a-dia para a formação humana.

Para Xavier (2014) existem vários tipos de conhecimentos, sendo que dois deles se opõem diretamente, o conhecimento popular, conhecido também de senso comum, e o conhecimento científico. Ao longo dos tempos vários conhecimentos vão se adquirindo seja nas atividades diárias, movimentos, casas, trabalhos; todos esses formam conjuntos de saberes que contribuem na formação do cidadão na vivência diária observa o quanto tudo isso tem contribuído no universo feminino.

A educação é um dos meios de que os homens lançam mão para criar guerreiros ou burocratas. Ela ajuda a pensar tipos de homens, mais do que isso, ela ajuda a criá-los, fazendo passar de uns para os outros o saber que os constitui e legitima. A educação participa do processo de produção de crenças e idéias, de qualificações e especificidades que envolvem as trocas de símbolos, bens e poderes que, em conjunto, constroem tipo de sociedade. (BRANDÃO, 2007, p. 11)

O cenário educacional no município de Itainópolis não foi diferente da situação do País, quando se refere à educação escolar no município de Itainópolis, pois somente no ano de 1968 sob parecer de n.226/05, é que foi implantada a primeira escola pública na sede do município. Essa escola atendia crianças do sexo masculino e feminino, adolescentes e jovens que vinha das mais diferentes localidades do interior, pois no município não existia um órgão governamental para administrar o setor educacional, haja vista que no ano de 1954 é que foi instalado o município pelo governador (BRASIL, 1954)

Nesse período, os alunos enfrentavam um árduo trajeto a pé até chegar à cidade e os que tinham uma condição financeira melhor iam de jumento e/ou bicicleta. Saíam de suas casas na madrugada e retornavam na parte da tarde ou noite, dependendo do turno escolar, já que este funcionava nos turnos: manhã, intermediário e tarde. A fome, o cansaço, a falta de condições financeira já que muitos chegavam em casa e ainda tinham que trabalhar no roçado eram os grandes desafios, mas a força de vontade e o compromisso escolar era notório e com isso muitos daqueles estudantes alcançaram com êxito os seus resultados.

A legislação estabelece que a família deva desempenhar papel educacional e não incumbir apenas à escola a função de educar. O artigo 205 da Constituição Federal afirma:

[...] a educação, direito de todos e dever do Estado e da família, será promovida e incentivada com a colaboração da sociedade ao pleno desenvolvimento da pessoa, seu preparo para o exercício da cidadania sua qualificação para o trabalho. (BRASIL, 1988, p. 218).

Mesmo com a aprovação da Lei, observa-se que a educação ainda não é acessível a toda população, sobretudo as mulheres camponesas que ao longo da história foi negado esse direito. Há um distanciamento entre o real e o ideal, que implica na ausência de políticas públicas que alcance a toda população, no que diz respeito ao acesso e permanência na escola. No cenário atual da educação no país, ainda são inúmeros os desafios para efetivação de uma educação para todos e com os mesmos padrões de qualidade, sobre essa discussão Arroyo, Buffa e Nosella (2007, p. 36) ressalta:

A educação moderna vai se configurando nos confrontos sociais e políticos, ora como um dos instrumentos de conquista da liberdade, da participação e da cidadania, ora como um dos mecanismos para controlar e dosar os graus de liberdade, de civilização, de racionalidade e de submissão suportáveis pelas novas formas de produção industrial e pelas novas relações sociais entre os homens.

A partir da participação ativa dos sujeitos que acontece nas diferentes formas, sendo através proposições, exposição, ciclos de debate estudo e por meio desses espaços, são construídas a visão de mundo e uma conscientização política. A ausência dessa forma de participação os torna um ser alienado e fechado para as transformações que acontecem no dia-a-dia.

3 PRESSUPOSTOS METODOLÓGICOS DA PESQUISA

Nesta seção apresentamos a orientação metodológica assumida nesta pesquisa, bem como a caracterização da mesma, no que diz respeito ao campo, aos interlocutores, aos instrumentos e aos procedimentos de análise.

3.1 Caracterização da Pesquisa

A pesquisa com as camponesas aconteceu entre os meses de fevereiro e março de 2018, no primeiro momento realizou-se uma visita para explicação e importância do trabalho e convite as mesmas, onde de forma voluntária contribuíram, lembro-me que no primeiro contato das cinco entrevistadas que já havia pensado levando em conta a faixa etária e o tempo de permanência na comunidade, uma não concordou pelo fato de ser gravada, então respeitei a sua decisão. As demais concordaram e logo agendou-se, as mesmas sugeriram a questão do horário entre tarde ou noite. A entrevista foi realizada a partir do roteiro previamente preparado.

No decorrer da entrevista as mesmas fizeram relatos emocionantes, lembrando passados de suas vidas, em algumas vezes sorriam e brincavam em outros momentos paravam e pensavam de forma tristonha continuavam, em outro momento começavam a falar de outros assuntos, necessitando assim uma retomada do assunto principal da entrevista, por parte da entrevistadora. Aconteceu nesse período a assinatura do termo de aceite das interlocutoras o mesmo foi feito em duas vias.

Para o desenvolvimento desta investigação acerca do processo de educação das mulheres do campo, elegemos a abordagem qualitativa, por considerar adequada a natureza do objeto de estudo. Almejando responder à questão problema em consonância com os objetivos propostos, optamos como opção metodológica a história oral proposta por Meihy e Holanda (2014), que está alicerçada nos princípios de colaboração entre pesquisadores e interlocutores. Foram seguidas as orientações de Meihy (2014), este processo foi organizado conforme as seguintes etapas. Procurou-se dessa forma obedecer às etapas da pesquisa, de acordo com o que ressalta os autores.

Pré-entrevista nessa etapa acontece à preparação de um roteiro das entrevistas, com as questões orientadas por meio de um projeto de pesquisa em fontes bibliográficas, acontecerá assinatura do termo de aceite, documento este assinado em duas vias ficando um para o interlocutor (entrevistado) e outra para o entrevistador, também a escolha de critérios para a definição dos entrevistados.

Entrevista etapa essa considerada crucial de qualquer pesquisa que trabalhe com a metodologia da história oral. Para (Albert, 1990 p.60) na realização das entrevistas será necessárias seguir as orientações: considerar que o ato de entrevistar é constituído por uma relação humana que pressupõe alteridade e respeito; buscar um diálogo sincero e consistente com o entrevistado; deixar fluir a entrevista, evitando questionários rígidos, que possam interromper a narrativa; respeitar os momentos de silêncio e esquecimento, pois são tão significativos quanto à narrativa que flui sem interrupções; considerar as possibilidades e os limites do entrevistado como determinantes para o ritmo da entrevista, como já frisado, influenciando na duração de cada entrevista e no intervalo entre uma entrevista e outra; evitar perguntas longas e indiretas; evitar perguntas nas quais o entrevistador manifeste antecipadamente sua opinião sobre o assunto em pauta. Esse cuidado é fundamental como contribuição para a espontaneidade e melhor fidedignidade do depoimento; respeitar o temperamento e a personalidade do entrevistado, que muitos influenciam as características de sua narrativa; formular perguntas que provoquem respostas; considerar que as lembranças são construções do presente sobre o passado. Em função dessa correlação de temporalidades, evitar perguntas presas a detalhes, como datas muito bem definidas. É preferível, quando necessário, referir-se há anos ou há meses. A melhor forma de contribuição para se ativar a memória do depoente é a utilização de recursos, tais como: correlações, apresentação de documentos, fotos, entre outros; evitar interromper uma narrativa, para que o entrevistado não perca o fio de sua recordação; levar material de apoio como jornais, fotos, objetos, plantas, mapas, entre outros, que possam contribuir para o melhor desenvolvimento da entrevista; realizar a entrevista em local no qual o entrevistado se sinta mais à vontade e confiante, buscando evitar, contudo, espaços de muita circulação de pessoas, ou pouco silenciosos; evitar a presença de terceiros, já que isso acaba por interferir na dinâmica da entrevista, seja inibindo o entrevistado, seja influenciando no conteúdo de sua narrativa e opiniões; tratar o entrevistado com respeito e cuidado absoluto, pois para muitas pessoas recordar alguns episódios de seu passado ou mesmo lembrar a trajetória de sua vida pode ser uma experiência dolorosa ou fortemente emotiva; nunca pressionar o informante, procurando manter um clima de relaxamento e de estímulo sutil ao ato de lembrar.

Deve-se, portanto, buscar criar uma relação de confiança, que possa contribuir para o sucesso da entrevista. É preciso saber silenciar, ouvir, estimular lembranças, repetir em voz alta perguntas que não foram entendidas, não falar ao mesmo tempo em que o depoente e repetir perguntas delicadas e importantes de diferentes maneiras.

Pós-entrevista é dividida em transcrição, essa etapa é a primeira versão escrita dos depoimentos, buscando reproduzir, com fidelidade tudo que foi dito, sem cortes nem acréscimos. As passagens pouco claras devem ser colocadas entre colchetes, dúvidas, silêncios e hesitações, identificadas por reticências; risos devem ser identificados com a palavra *riso* entre parênteses; o negrito deve ser utilizado para palavras e trechos de forte entonação. Deve-se também atentar para a pontuação, procurando-se assim não alterar o sentido das palavras e das frases. A textualização (procedimento que sucede a transcrição) é um exercício de caráter mais analítico, pois coloca o pesquisador na direção de interpretar na direção de interpretar o dito e construir uma narrativa mais fluente (a partir de reordenações, encadeamentos de idéias apresentadas em diferentes momentos da entrevista...) na direção de produzir um texto que, segundo ele, o interlocutor diria. Esse exercício traz consigo duas posições: a de dispor esse texto analítico no corpo dos trabalhos acadêmicos e a de encaminhar esse texto ao entrevistado para identificar se há um reconhecimento deste quanto a algo que ele efetivamente quis dizer. A transcrição surge da necessidade de se reformular a transcrição literal para torná-la compreensível à leitura. Na transcrição literal há inúmeras frases repetidas, enquanto outras são cortadas pelo entrevistado ou pela qualidade de gravação; há muitas palavras e expressões utilizadas incorretamente, devido à própria dinâmica da fala, da conversa informal – que é o que tentamos fazer das entrevistas. Há estrangeirismo, gírias, palavras chulas, ou seja: termos que são bastante distintas quando falados ou escritos.

A história oral de vida permite que os pesquisadores direcionem a investigação conforme a definição dos objetivos da pesquisa, para os acontecimentos relacionados à vida e memória individual e coletiva, conforme nos assegura Meihy e Ribeiro (2011, p. 12), “a história oral é um conjunto de procedimentos que se inicia com a elaboração de um projeto e que continua com a definição de um grupo de pessoas a serem entrevistadas”.

Para produção dos dados recorreremos à realização de entrevistas, seguindo as orientações de Gil (2002) na elaboração e sistematização de um roteiro de entrevista (APÊNDICE A), além das orientações teóricas de Meihy e Holanda (2011, p. 14) que explica que a “entrevista em história oral é a manifestação do que se convencionou chamar de documentação oral”. É o registro das fontes orais, isto é, realizaremos entrevistas com base no roteiro previamente elaborado e após produção dos dados faremos a organização e análise dos mesmos.

De acordo com Gil (2002), a entrevista permite que o investigador se apresente frente ao investigado, fazendo perguntas com o objetivo de obter dados que interessam a

investigação. A escolha por esse instrumento se deve por ser uma forma de interação social e, mais especificamente, uma forma de diálogo entre os envolvidos na pesquisa.

3.2 Campo de Pesquisa

A pesquisa foi realizada na Comunidade Varzinha, zona rural do município de Itainópolis – PI. Nos relatos e experiências, as interlocutoras falaram da existência da comunidade desde o ano de 1928, no entanto os registros documentais constam que a mesma existe do ano de 1952 (anexo), está localizada aproximadamente 01 km da sede do município. No início eram em média 05 (cinco famílias) que ali habitavam e com o passar do tempo foram aumentando, inclusive com famílias advindo de outros estados do país.

Atualmente 34 (trinta e quatro) famílias residem na comunidade, sendo que a mesma está situada no lado esquerdo da margem do rio Itaim grande referência do município. Muitas dessas famílias já foram atingidas nas grandes enchentes do rio e foram abrigadas na casa grande da comunidade, local onde as mulheres foram escolarizadas em décadas anteriores. Os moradores são todos do ramo da agricultura, cultivam milho, feijão, mandioca e caju, são também criadores de animais de pequeno porte. Não existe nenhuma organização que defenda os interesses das famílias.

3.3 Interlocutoras da Pesquisa

Objetivando analisar o processo de educação das mulheres do campo da Comunidade Varzinha, selecionamos cinco mulheres da referida comunidade, para que possam nos oferecer informações que contribuam com a produção de fontes orais. O critério de seleção das mulheres foi pela idade e tempo que moraram na localidade.

Os encontros para as entrevistas foram organizadas com base na disponibilidade de todas as interlocutoras, suas narrativas de vida, atenta a ao contar suas histórias, elas foram marcada pela confiança e respeito entre o colaborador e a pesquisadora. Elas aconteceram por meio de entrevista seguindo um roteiro de perguntas previamente elaboradas, foram usados também no momento das transcrições como pseudônimo, nomes de aves típicas da nossa região semiárida; Arara, Rolinha, Beija flor, Juriti, Joana de barro.

Há algumas qualidades que os entrevistados bem sucedidos devem possuir: interesse e respeito pelos outros como pessoa e flexibilidade nas reações em relação a eles; capacidade de demonstrar compreensão e simpatia pela

opinião deles; e acima de tudo disposição para ficar calado e escutar. (THOMPSON, 1998, p. 254)

A seguir o quadro síntese do perfil das interlocutoras, em que são destacadas características que auxiliam no reconhecimento do perfil das participantes.

Quadro 01: Perfil das Mulheres Camponesas

Interlocutoras	Idade	Naturalidade	Tempo que reside na Comunidade	Grau de escolaridade	Profissão
Juriti	83	Piauiense	83	Primário incompleto	Lavradora/aposentada
Rolinha	65	Potiguar (RN)	35, pois morava uma temporada em São Paulo depois de casada.	Primário incompleto	Lavradora/aposentada
Beija – Flor	73	Piauiense	50	Primário incompleto	Lavradora/aposentada
Arara	69	Cearense	64	Primário incompleto	Lavradora/aposentada
Joana de Barro	52	Piauiense	52	Fundamental completo, depois de casada e mãe de filhos.	Lavradora

Fonte: Dados da Pesquisa (2018)

De acordo com as informações prestadas pelas interlocutoras, elas declararam serem agricultoras, mas apenas uma continua no referido exercício, as demais são aposentadas por idade. Juriti e Joana de barro nasceram na própria comunidade; duas, Rolinha e Arara vieram ainda crianças junto com seus pais de outros estados e Beija flor de outro município do Piauí. As idades delas variam entre 52 a 83 anos. Quanto ao grau de escolaridade das camponesas,

foi possível identificar os entraves no acesso à escola, que será apresentado na seção de análise deste estudo.

Percebemos que por ser restrita a educação e em se tratando de comunidade rural, o acesso à educação era quase inexistente, nessa questão as cinco interlocutoras, declaram que o estudo era coisa rara e pra quem tinha boa condição, estudando apenas em períodos curtos, três declaram que foram dois meses de aula, Juriti estudou por seis meses, enquanto a Joana de Barro por ser a mais jovem das entrevistadas falou de ano de estudo, estudou por esse período, após algum tempo retornou, concluindo o fundamental depois de casada. Duas delas (rolinha e arara) relataram que deixaram de estudar devido na época os estudos serem voltados mais para os homens.

4 HISTÓRIA ORAL DE VIDA: RELATO DAS CAMPONESAS

Esta seção se concentra na análise dos dados produzidos pelas camponesas, mediante o relato de história de vida e do seu processo de educação. A seguir apresentamos as categorias de análises emergida dos dados da pesquisa, em consonâncias com os objetivos de investigação.

4.1 Histórias de Vida e o Processo de Educação da Mulher Camponesa

Na localidade varzinha existe uma residência sendo seus proprietários: (Jose Marcos e Juliana Valeria) ambos falecidos, nessa residência aconteciam os grandes encontros das famílias, para momentos de lazer: forro, reizado; trabalho de mutirões das famílias: farinhada, moagem, desbulhas de feijão; na religiosidade: novenários, devoções e na educação também é destaque, nessa residência funcionava o local da escola por ser um local espaçoso e todos eram bem acolhidos, no relato das interlocutoras todas falaram que os meses de aula que freqüentaram, foi nessa residência a qual denominou-se casa grande. Em outros programas de governo, exemplo: o MOBRAL, alfabetização solidaria e Brasil alfabetizado todos funcionou nesse mesmo local.

Figura 1- Imagem da casa grande localizada na comunidade Varzinha, Itainópolis do Piauí.



Fonte: A autoria própria (2018)

Buscamos investigar as histórias de vida de mulheres do campo, por compreender que suas narrativas são fontes de pesquisa que permitem analisar o processo de escolarização das camponesas, vindo a reconhecer os limites que permearam esse contexto. A seguir alguns relatos sobre a história de vida na Comunidade Varzinha.

Moramos na localidade Confusões a dez quilômetros e vinha estudar na Varzinha junto com meus irmãos na casa grande da localidade Varzinha a gente vinha a pé ou outros dias de jumento. (Rolinha)

Vivia perambulando em outros lugares trabalhava como doméstica, depois vim pra aqui foi aí que estudei um pouquinho na casa de seu Zezinho, uma casa grande era divertida, a gente era bem recebida, mas não aprendi quase nada, foram só uns dois meses de aula. (Arara)

[...] Eu comecei a estudar aos 11 anos e ainda na alfabetização, pois as escolas eram poucas. (Joana de Barro)

A escola era a grande novidade daquela época devido o elevado número de alunos, mas muitos tinha que sentar no chão, pois não havia estrutura física que comportasse a todos. (Joana de barro e Rolinha).

Figura 2- Imagem do banco de madeira na casa grande, localizada na comunidade Varzinha, Itainópolis do Piauí.



Fonte: Autoria própria (2018)

Diante das narrativas, podemos destacar que o relato inicial das camponesas é marcado pelo discurso das dificuldades de sobreviver no campo, que segundo Almeida (1998, p. 51)

A dificuldade de as mulheres terem acesso à educação e sua ausência nas instâncias de poder que decidem seus rumos talvez expliquem a sua exclusão da história da educação. Uma ausência imposta e preconceituosa, derivado de dicotomia público e privado que sempre permeou a vida cotidiana feminina. O mundo privado e sua rotina de lavar, passar, cozinhar e cuidar de criança não exige conhecimentos especializados e muito menos instruções. (ALMEIDA, 1998, p. 51)

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres para frequentarem a escola, elas reconhecem e valorizam a educação, pois vê uma oportunidade de desenvolvimento das mulheres, nesse sentido elas estimulavam suas filhas a estudarem para que as mesmas tivessem um futuro melhor.

4.2 Limites na escolarização das Camponesas e sua participação no contexto escolar

Ao relatarem suas histórias, foi possível perceber vários sentimentos: ansiedade, angústia, tristeza e revolta, a escola por ser um instrumento importante de construção e socialização do saber, essas mulheres que contribuíram com o nosso trabalho, sentem-se excluída desse universo e foram vários motivos apontados e que trazem consequências para as mesmas até os dias atuais.

Apesar das dificuldades enfrentadas pelas mulheres, para frequentarem a escola, elas reconhecem e valorizam a educação – escolar, pois vê uma oportunidade de desenvolvimento das mulheres, nesse sentido elas estimulam suas filhas a estudarem, para que as mesmas tivessem um futuro melhor.

A escola era particular o tempo era pouco, eram dois dias de escola estudei até o quarto ano primário, as dificuldades eram grandes os pais queriam os filhos, mas pra trabalhar depois que lia um pouco já saía, eu gostava e queria ficar, mas meu pai era ignorante ele nem incentivava. Ela lembrou que tinha bastante alunos alguns sentavam no chão. (Rolinha)

Tinha que trabalhar na roça e, além disso, morava no interior que tinha um rio no meio, no período do inverno tinha que passar nas canoas não tinha dinheiro para pagar os canoeiros, quando eu chegava ao rio eles já sabia que a gente não pagava e ficava demorando, quando chegava à escola já tinha fechado o portão e o vigia não deixava nem entrar mais, voltava pra casa sem estudar. A escola era num horário e tinha que trabalhar no outro para ajudar a comprar as coisas de casa. (Joana de Barro)

Eu estudei até o segundo ano primário, minha professora era Maria Dulce, só que o tempo de estudar foi só até escrever o nome, pois eu tinha falta de vontade pelas dificuldades, mas a professora era boa e explicava bem os assuntos, a escola era particular funcionava na Casa grande. (Juriti)

Outro fator que cooperou para a escolha da história como metodologia a composição do público alvo: mulheres do campo que vivenciaram várias experiências de vida principalmente a dificuldade no acesso, mesmo que em épocas diferentes, mas com as realidades semelhantes no tocante ao acesso a educação escolar.

Acerca do contexto escolar as mulheres relataram alguns episódios sobre suas passagens nesse ambiente, fatos esses marcantes, tanto pela oportunidade principalmente pela aprendizagem escolar, pois escrever o próprio nome era motivo de orgulho, outro ponto marcante foi o método repressivo através da palmatória e castigo. Sobre essa realidade Meihy, Ribeiro (2011, p. 28) explica: “A história oral caracterizada por oportunizar os sujeitos não participantes da história oficial o direito a voz, oferecendo assim oportunidade de relato e de reconhecimento a essas mulheres, admitindo-se como em campo aberto à produção de conhecimento sobre diferenças”.

Na escola era ensinada a cartilha do ABC todos recebiam e era para conhecer as letras também a tabuada, nas letras era difícil de conhecer, mas a professora às vezes mostrava a letra e o objeto assim ajudava mais, mas quando a gente não sabia tinha muito castigo e palmatória, eu mesmo levei muitas e doía muito, mas aprendi um pouquinho e eu trocava muito as letras. (Rolinha)

Na escola era ensinado o livrinho do ABC cobrindo e depois tinha que conhecer se eu não acertasse a amiga já tinha uma palmatória como castigo. (Arara)

[...] Eu tinha uma cartilha do ABC (risos) o professor dava castigo de palmatória quando eu não sabia as letras e nem também contar. (Juriti)

Figura 3- Imagem da palmatória na casa grande, localizada na comunidade Varzinha, Itainópolis do Piauí.



Fonte: Autoria própria (2018)

A narrativa das camponesas revela a metodologia utilizada na sala de aula, observa-se que os alunos depositavam total atenção ao professor, ainda que esse tivesse uma pouca formação, predominava no ensino era o respeito, ou obediência, e a disciplina do professor, este por sua vez tinha o papel de repassar os conhecimentos das quatro operações e da cartilha do ABC, e o aluno precisava adquirir conhecimento em tempo reduzido.

A concepção “bancária”, que a ela serve também no momento mesmo em que se funda num conceito mecânico, estático, especializado da consciência e em que transforma por isso mesmo, os educandos em recipientes, em quase coisas, não pode esconder sua marca necrófila. (FREIRE, 1987, p. 43)

Assim entende-se que a educação deve ser aquela emancipatória e que liberte que favoreça novas práticas participativa, criativa despertando assim um ser crítico e atuante na sociedade e não somente um repassador de conhecimento pronto. E na tentativa de superar a desigualdade, ampliar as discussões de um projeto político educacional que surge às novas práticas educativas de forma coletiva visando à oportunidade da educação para os povos do campo.

[...] as mulheres eram poucas, os homens que tinham mais oportunidades, e o pai ainda dizia: “você come é da escola? precisa trabalhar!”. (Rolinha)

[...] as mulheres frequentavam muito pouco a escola, me lembro que era dois dias por semana sempre à noite, e não, não fiz parte de nenhum movimento social. (Arara)

[...] as mulheres tinham poucas oportunidades de estudar, pois faltava as condições dos pais de pagar a escola e como tinha muitos filhos o tempo escolar era pequeno, e por isso a gente não aprendia quase nada. (Juriti)

Observou-se nesta categoria que os relatos foram unânimes em destacar que a participação da mulher era muito tímida, resultado de uma cultura machista e patriarcal, negando assim o espaço da mulher de participar em diversos setores da sociedade inclusive na educação. Nesse contexto, analisamos que esse modelo de educação adotado marcou profundamente a vida das mulheres no espaço escolar e nos dias atuais é possível encontrar relatos e comportamentos que identifica a base da formação de muitas mulheres.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A elaboração dessa investigação apontou vários desafios na sua construção, despertando a curiosidade e interesse na busca de informações, pois serviu para acrescentar novos conhecimentos, desde a metodologia desse trabalho, instrumentos e produção, assim foi possível, conhecer a história de vida e educação que as camponesas vivenciaram, sendo esse o primeiro registro da história das mulheres camponesas dessa comunidade, além de permitir a compreensão sobre os modos de vida e expectativas das mulheres do campo, na comunidade rural de Itainópolis – PI. Temos o entendimento que a educação e os saberes são ferramentas indispensáveis na nossa vida, que a capacidade de se desenvolver como sujeito consciente dos seus direitos pode emergir pelo processo de educação e militância.

Mediante os objetivos que o presente trabalho apresenta, analisar a história de vida e o processo de educação das mulheres do campo da Comunidade Varzinha, município de Itainópolis – PI, percebe-se a baixa escolaridade sendo que apenas uma das cinco mulheres entrevistadas conseguiu concluir o ensino fundamental, após casada e com filhos pequenos, a ausência de espaço escolar na própria comunidade também foi um fator que contribuiu de forma negativa para esse desempenho escolar, todas falaram da casa grande da comunidade que servia como ponto de apoio escolar, a escola era particular, apenas as pessoas de melhor condição financeira tinha acesso, todas relataram que os homens tinham mais direito a estudar, a pessoa do professor era visto uma autoridade onde todos os respeitavam, como instrumento de repreensão todos falaram no castigo e na palmatória, como método utilizado pelo professor uma vez que os conteúdos ou lições eram decorados, a falta de condições financeira dos pais foi citada por todas como uma das principais causas que impediam de aprender, todas relataram que precisavam trabalhar junto com os pais para ajudar no sustento familiar.

Investigar as memórias e histórias de vida de mulheres camponesas reaviva as discussões sobre os desafios da educação do campo e a valorização dos saberes, em que isso proporciona sentimentos desde a alegria das conversas, do estar junto, conhecer, conviver, à constatação de uma realidade difícil para os povos do campo, a qual restringe a falta de oportunidades, materializando, em muitos casos, o não acesso e garantia de permanência na escola, no trabalho, nos espaços públicos de participação, à cultura e também em espaços de lazer e principalmente a negação de vários direitos.

É sabido que ao longo da história, a sociedade brasileira, sobretudo a população do campo tem ficado penalizado pela negação de políticas públicas principalmente a política de

educação. Com essa realidade existe a concepção de campo como um lugar de atraso, de falta cultura e conhecimento. No entanto, é no campo que é constituído por um conjunto de saberes, valores e principalmente resistências por setores da sociedade organizada que busca a cada dia através de suas lutas e práticas desenvolvidas o desenvolvimento das comunidades.

A partir das grandes lutas desenvolvidas pelo MST tendo como bandeira de luta a reforma agrária e a luta pela terra em conjunto com outros movimentos sociais tem buscado através das lutas e ações propositivas novas práticas, programas e projetos para a educação. É com base nessas lutas que o estado vem desenvolvendo ações voltadas para a educação, exemplo, Programa Nacional de Educação e Reforma Agrária (PRONERA), escola ativa, dentre outros.

A Educação do Campo surge a partir da mobilização e pressão dos movimentos sociais por uma política educacional das comunidades camponesas, entretanto para a efetivação desses direitos aos povos do campo e especialmente para as mulheres faz-se necessário a organização das mesmas desde as pequenas comunidades, entidades sociais e instituições públicas. A partir disso, haverá avanços e conquistas na educação das mulheres.

REFERÊNCIAS

- ALBERT, Verena. **História oral: a experiência do CPDOC**. Rio de Janeiro: Contemporâneo do Brasil, 1990.
- ALMEIDA, J. S. **Mulher e educação: A paixão pelo possível**. São Paulo: Editora UNESP, 1998.
- ARROYO, M. G; BUFFA, Ester; NOSELLA, P. **Educação e cidadania**. 13 ed. São Paulo, Cortez, 2007.
- BRANDÃO, C. R. **O que é Educação**. São Paulo: Brasiliense, 2007.
- BRASIL. **Lei de 15 de outubro de 1827**. Manda criar escolas de primeiras letras em todas as cidades, vilas e lugares mais populosos do Império. Coleção das Leis do Império do Brasil de 1827 – primeira parte. Rio de Janeiro: Tipografia Nacional, 1878, p. 71-73.
- BRASIL. Constituição Federal. **Constituição da República Federativa do Brasil**. Brasília: Ministérios das Comunicações, 1988.
- BRASIL. **Decreto nº 21.076** (Código Eleitoral). Rio de Janeiro, 24 de fevereiro de 1932. Disponível em: < <http://www2.camara.leg.br/legin/fed/decret/1930-1939/decreto-21076-24-fevereiro-1932-507583-publicacaooriginal-1-pe.html>>. Acesso em 10 abr. 2018.
- BRASIL. Parecer de n. 226/05 de 1968. **Diário Oficial do Estado do Piauí**, município de Itainópolis, 1954.
- FREIRE, P. **Pedagogia do oprimido**, 17ª Ed. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1987.
- GIL, A. C. **Como elaborar projetos de pesquisa**. 3. Ed. São Paulo: Atlas, 2002.
- LOURO, G. L. **Gênero, sexualidade e educação: uma perspectiva pós-estruturalista**. Petrópolis, RJ: Vozes, 1997.
- MEIHY, J. C. S. B; HOLANDA, F. **História Oral: Como fazer, como pensar**. 2. Ed. São Paulo: Contexto, 2014.
- MEIHY, J. C. S. B; RIBEIRO, S. L. S. **Guia prático de história oral: para empresas, universidades, comunidades, famílias**. São Paulo: Contexto, 2011.
- ROMANELLI, O. **História da Educação no Brasil**. 24. Ed. Petrópolis: Vozes, 2000.
- SILIPRANDI; Emma. “Urbanas e rurais a vida que se tem a vida que se quer”. In: **A mulher brasileira nos espaços públicos e privados**. São Paulo: Perseu Abramo, 2004.
- TROMPSON, P. **A Voz do Passado**. Trad. Lólio Lourenço de Oliveira. São Paulo: Paz e Terra. 1998

XAVIER, A. C. **Como fazer e apresentar trabalhos científicos em eventos acadêmicos.** Editora Rêspel, 2014.

Fontes Orais

ALENCAR, Terezinha de Jesus. **Entrevista concedida** a Francisca dos Anjos. Itainópolis do Piauí – PI 10/03/2018, transcrita e digitada 2018.

BEZERRA, Maria Neusa. **Entrevista concedida** a Francisca dos Anjos. Itainópolis do Piauí – PI 10/03/2018, transcrita e digitada 2018.

OLIVEIRA, Antonia Cristina de. **Entrevista concedida** a Francisca dos Anjos. Itainópolis do Piauí – PI 09/03/2018, transcrita e digitada 2018.

SILVA, Francisca Inês da. **Entrevista concedida** a Francisca dos Anjos. Itainópolis do Piauí – PI 10/03/2018, transcrita e digitada 2018.

SILVA, Maria do Socorro. **Entrevista concedida** a Francisca dos Anjos. Itainópolis do Piauí – PI 09/03/2018, transcrita e digitada 2018.

APÊNDICE A – Roteiro de Entrevista**UNIVERSIDADE FEDERAL DO PIAUÍ
CAMPUS SENADOR HEL VIDIO NUNES DE BARROS
CURSO DE LICENCIATURA EM EDUCAÇÃO DO CAMPO/ CIÊNCIAS DA
NATUREZA**

Título do projeto: Mulheres camponesas: história oral de vida e educação do campo.

Professora Orientadora: Patrícia Sara Lopes Melo

Pesquisadora Responsável: Francisca Maria dos Anjos

E-mail: fcadosanjos@hotmail.com

ROTEIRO DE ENTREVISTA

Picos (PI), _____ de _____ de 2018

1. Dados pessoais

1.1. Nome completo: _____

1.2. End. Residencial: _____

1.3 Onde nasceu? Por quanto tempo residiu neste lugar? _____

1.4. Grau de Escolaridade _____

1.5. Profissão _____

2. No lugar que você morava tinha escola?

3. Chegou a frequentar a escola?

4. Se frequentou a escola, como fazia pra chegar até ela? Lembra do que a escola ensinava?

5. Se não frequentou, quais os motivos?

6. Na época de sua infância e juventude como era a escola? As mulheres tinham oportunidade de estudar?

7. Fez parte de alguma associação ou movimento social?



**TERMO DE AUTORIZAÇÃO PARA PUBLICAÇÃO DIGITAL NA BIBLIOTECA
"JOSÉ ALBANO DE MACEDO"**

Identificação do Tipo de Documento

- () Tese
 () Dissertação
 (X) Monografia
 () Artigo

Eu, FRANCISCA MARIA DOS ANJOS,
 autorizo com base na Lei Federal nº 9.610 de 19 de Fevereiro de 1998 e na Lei nº 10.973 de
 02 de dezembro de 2004, a biblioteca da Universidade Federal do Piauí a divulgar,
 gratuitamente, sem ressarcimento de direitos autorais, o texto integral da publicação
MULHERES CAMPONESAS: HISTÓRIA DE VIDA E DE EDUCAÇÃO NO
CAMPO, NA COMUNIDADE VARZINHA, ITAINÓPOLIS - PI
 de minha autoria, em formato PDF, para fins de leitura e/ou impressão, pela internet a título
 de divulgação da produção científica gerada pela Universidade.

Picos-PI _____ de JANUÁRIO de 2019.

Francisca Maria dos Anjos
 Assinatura

 Assinatura